

Teatralizando o "casamento antigo": análise de imagens e representação da cerimônia

Élen Waschburgerⁱ – Faculdades Integradas de Taquara – elen.was@gmail.com

Salete Rodriguesⁱⁱ - Faculdades Integradas de Taquara – salete.rogs@gmail.com

Vanuza Alves Mittanckⁱⁱⁱ – Faculdades Integradas de Taquara –

vanuzamittanck@yahoo.com.br

Trabalhamos com os alunos participantes do PIBID na Escola Ana Maria Fay dos Santos a origem do município de Parobé, seus primeiros habitantes e como se formaram as primeiras famílias, sendo trabalhado também as características dos casamentos realizados no final do século XIX e início do XX. Destas atividades surgiu o interesse dos alunos sobre os costumes, tradições e motivos pelos quais os casamentos eram realizados, ficando surpresos com a prática de dotes, arranjos familiares e acordos que eram firmados através dos laços de casamento. Assim, propomos aos alunos dramatizarem uma cerimônia de "casamento à antiga", levando em consideração os trajes, motivos e comportamento da década de 1920. Buscamos desta forma tornar significativo aquilo que se aprende ao relacionar os conteúdos ensinados ao cotidiano vivido, pois ao representar estavam transmitindo o que haviam aprendido em sala de aula. Os alunos se dividiram em grupos, representando diversos personagens de roteiro escolhido com antecedência. Cada um responsável por uma tarefa como personagens, auxiliares e figurantes. Como resultado desta atividade foi realizado um pequeno vídeo que apresenta a atuação dos alunos em cena. Através da participação pode-se perceber o interesse dos alunos, que concretizaram seu conhecimento e aprendizagem de maneira diferenciada, criativa e dinâmica.

Palavras-chave: Parobé, História Regional, Teatro, Leitura de Imagens.

1 PIBID e a História Regional

O subprojeto do PIBID de História das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT), no ano de 2013 estava intitulado como “Historiando aqui e agora”, devido o seu foco ser na história regional do vale do Paranhana^{iv} abrangendo os municípios de Rolante, Riozinho, Taquara, Três Coroas, Igrejinha, Parobé.

Com exceção de Rolante e Riozinho, os municípios emanciparam-se de Taquara, antiga Colônia do Mundo Novo. Mas, o que é história regional? Segundo Martins (2010, p. 143), História Regional “[...] vê o lugar, a região e o território como a natureza da sociedade e da história, e não apenas como o palco imóvel onde a vida acontece”.

Durante muitos anos a história regional era uma técnica para desenvolver atividades de ensino, sobretudo nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, onde as crianças aprendem sobre a história do bairro, da cidade, da região e do estado. Com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a História Regional passou a ser conteúdo, mas também um recurso didático para todas as séries.

Reinheimer também justifica a importância do estudo de uma História Regional:

O estudo de uma História Regional/Local, permite conhecer certos “detalhes” e “particularidades”, que, em nível macro, certamente passariam despercebidos. Tais

detalhes, portanto, permitem-nos entender as características sociais, culturais, políticas ou econômicas de uma determinada comunidade e sua forma de inserção em um contexto histórico mais amplo. (REINHEIMER, 2013, p. 18)

A história regional nos permitiu trabalhar em vários níveis, como economia, política, sociedade, cultura, confirmando ou em alguns casos contrariando a história globalizante, tal como descobrir novos problemas e hipóteses. Para o aluno torna-se fácil compreender a história globalizante quando se aborda a história regional, pois muitas vezes se relacionam.

Segundo Thopson *apud* Smaniotto a história regional

[...] é uma história construída em torno das pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história, e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula a professores e alunos a se tornar companheiros de trabalho. Leva a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ela ajuda os menos favorecidos, especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos (THOMPSON *apud* SMANIOTTO, 2014, p. 339)

E é esse o nosso principal ideal com o trabalho realizado através do Pibid, com alunos de 9º ano (Turmas 192 e 193) da Escola Municipal de Ensino Fundamental Ana Maria Fay dos Santos, no município de Parobé^v, onde o município tem uma história riquíssima, porém, pouco conhecida e que demonstra o desenvolvimento do Brasil no final do século XIX e início do XX, principalmente com a chegada do trem que era símbolo do progresso.

Por se tratar de município “novo”, emancipado de Taquara em 1985 e com muita migração na década de 90 devido ao desenvolvimento industrial-calçadista muitos vieram da região norte do estado, e em Parobé fixaram-se.

Atualmente, os filhos desses migrantes estão nas redes públicas do município, e pouco se sabe sobre a história da cidade, para inserir os alunos nesse sentimento de pertencimento. Com isso trabalhamos sobre tudo as obras de autores regionais para explicar aos alunos a formação do município de Parobé. No qual, segundo Mossmann (1999) o primeiro a colonizar e a se estabelecer efetivamente nas terras onde hoje formam o Município de Parobé, foi o catarinense José Martins, entre 1830-1840, vindo com sua mulher Maria Narcisa Cerveira e os oito filhos do casal, todos nascidos em Azevedo, São Sebastião do Caí, no período entre 1817-1826.

As terras onde se fixou e estabeleceu a fazenda, tinha a extensão aproximada de uma sesmaria. Iam das proximidades do Morro Leão, local onde edificou sua morada, até as margens do Santa Maria (Paranhana); das margens do Rio dos Sinos, três léguas na direção da

Serra Geral até o Salto e a Solitária. Compreendia ainda, datas ou colônias de terras, junto o arroio do campo Pinheiro abrangendo, portanto, quase toda a área do Município de Parobé, no que se refere à margem esquerda do Paranhana.

Com a morte de sua mulher e produção do inventário no qual constava as terras da fazenda com todas as benfeitorias, inclusive uma casa assobradada. Esse sobrado teve sua construção concluída por volta de 1845, sob supervisão de João Fay, vindo de São Leopoldo com essa finalidade. João Fay Palmeiro era imigrante alemão, vindo a mais tarde a casar-se com uma das filhas de Martins, Maria José Martins, que após o casamento obteve parte das terras da fazenda, próximas ao Arroio Funil, que viriam a constituir a Fazenda Fay.

A Fazenda Martins, como ficou conhecida, foi deixando de ser referência na medida em que foi sendo dividida entre seus inúmeros filhos, genros e netos. Alguns lotes foram vendidos por esses a colonos alemães. Com isso em 1884 a propriedade de José Martins estava transformada numa colcha de retalhos, subdividida em 77 hectares.

Já o povoamento de Parobé surgiu em torno da Estação Férrea, com inauguração em 1903, construída sobre terrenos da propriedade de João Mossmann, que havia sido desmembrada da Fazenda Pires. Mossmann herdara a propriedade de Moisés Ferreira Souza ao casar-se com sua filha Rita Pires de Souza, Bisneta de José Martins; ao se casar com Rita Mossmann recebeu como dote parte da propriedade e assim começou o cultivo dessas terras, construiu uma casa as margens do arroio, logo depois construiu uma casa de pedra. Esta casa localiza-se hoje no centro do município.

2 Leitura de Imagens

Até meados do século XX, historiadores viviam sobre tudo atrás de uma história linear e comprometida com os documentos textuais, as únicas e verdadeiras fontes históricas do qual não se duvidava, era a verdade absoluta.

Na França, em 1929, grupo de historiadores fundaram uma revista com o intuito de abranger o estudo histórico a partir de novos olhares sobre novos documentos textuais e visuais, dando início a uma nova escola historiográfica. Essa revista foi chamada de Escola de Annales, momento em que há inserção de novas fontes historiográficas, pois a história de acordo com Coulanges *apud* Cardoso e Mauad (1997) é onde o homem passou e deixou marca de sua vida e inteligência. Dessas nova corrente historiográfica, surge como herdeira a Nova História Cultural oportunizando novas leituras da sociedade devido a novas abordagens e discussões teóricas, como cita Vainfas

A chamada Nova História cultural não recusa de modo algum as expressões culturais das elites ou classes ‘letradas’, mas revela especial apreço, [...] pelas manifestações nas massas anônimas: as festas, as resistências, as crenças heterodoxas... Em uma palavra, a Nova História cultural revela uma especial afeição pelo informal e, sobretudo, pelo popular. (VAINFAS, 1997, p. 148 – 149)

Dentre as marcas visuais temos as fotografias, e hoje como uma forma de chamar a atenção dos alunos podemos utilizar elas como documentos que podem mostrar um período, e a partir delas podemos discutir vários aspectos da sociedade que estão embutidas nessas imagens, elas nos permitem “imaginar” o passado de forma mais vívida.

E foi o que fizemos após a explicação do contexto histórico do município de Parobé, realizamos com eles a leitura de imagens. Mas porque a leitura de imagens?

A resposta é muito fácil, desde o início pretendíamos realizar com eles um teatro representando um “casamento à antiga”, para isso precisávamos inseri-los nesse passado e compreender o que aparece em algumas fotos. Pois, como afirmam os autores Cardoso e Mauad

A imagem fotográfica compreendida como documento revela aspectos da vida material de um determinado tempo do passado de que a mais detalhada descrição verbal não daria conta. Neste sentido, a imagem fotográfica seria tomada como índice de uma época, revelando, com riqueza de detalhes, aspectos da arquitetura, indumentária, formas de trabalho, locais de produção, elementos de infraestrutura urbana tais como tipo de iluminação, fornecimento de água, obras públicas, redes viárias etc.; ou ainda, se a imagem for rural, tipo de mão-de-obra, meios de produção, instalações diversas... Uma leitura que ultrapasse a avaliação da fotografia como mera ilustração, contudo, ainda se restringe a avaliação iconográfica da foto. (CARDOSO; MAUAD, 1997, p. 406)

Não podemos nos esquecer que a fotografia é considerada como testemunho, ou seja, ela atesta a existência de uma realidade, porém ela também conforma uma determinada visão de mundo.

Escolhemos para trabalhar imagens de uma família que tem relação com o município. Ao realizarmos tal processo, encontramos dentro do acervo do Museu Municipal de Parobé fotos da família Blos^{vi}.

Primeiro, escolhemos uma fotografia (Figura 1) do final do século XIX, sem identificação, a fim de discutir o porquê do vestido escuro. Uma aluna, respondeu, “os casamentos eram diferentes dos dias atuais [...] o vestido da noiva tinha gola alta e ia até os pés, eram pretos para poderem usá-los novamente em outra ocasião, já que eram caros[...] nas fotos os noivos ficavam sérios para demonstrar respeito.

Com essa resposta continuamos a indagá-los sobre o porquê da seriedade, e porque mesmo o vestido sendo escuro o véu era branco. Ao decorrer da aula fomos analisando com os alunos as imagens das décadas seguintes, como as mudanças de vestidos (tamanhos), o fato de alguns vestidos e ternos serem parecidos. Discutimos também sobre os fundos das fotografias que muitas vezes eram pinturas que eram trazidas pelos fotógrafos para esse momento ou as folhas de parreiras nas paredes. Outra mudança que os educandos perceberam foi a troca do cenário para o interior das igrejas.

Utilizamos também um álbum que foi criado por Milene Monteiro^{vii}, na época, bolsista do LABHOBS^{viii}, que ao realizar uma pesquisa sobre os casamentos do município de Igrejinha entre as décadas de 1920 a 1960 organizou um álbum que também demonstra as mudanças no decorrer das décadas nas cerimônias de casamento.

Figura 1 Traje de casamento no final do século XIX



Fonte: Museu Municipal de Parobé/RS

Figura 2 Casamento de Raynoldo e Lituvina Feiten – 1910



Fonte: Museu Municipal de Parobé/RS

Figura 3 Casamento de Willi Müller e Cidônia Raymundo



Fonte: Museu Municipal de Parobé/RS

Figura 4 Casamento de Edgar Blos e Julita Scheffer



Fonte: Museu Municipal de Parobé/RS

O fato de avaliarmos as imagens também tratava-se de uma forma de preservar um passado, uma identidade cultural carregada de muitas ideologias e manifestações. E transpassar para os alunos que cabe a cada geração preservar e valorizar os que já se foram, e para que outras gerações façam o mesmo.

3 Por que trabalhar com o teatro nas aulas de história

Percebemos que atualmente o professor precisa inovar em sala de aula, buscar maneiras diversas de despertar o desejo do aluno em aprender, a se entrosar com o conteúdo que lhe está sendo apresentado e que este apresente importância e relações com seu próprio universo.

Portanto, se faz necessária uma metodologia que supere a ideia de que os alunos são simplesmente receptores de informação. Dessa forma trabalhar o ensino de história através do teatro na sala de aula em sua maioria são práticas com resultados significativos, é a junção da teoria, prática e a imaginação atuando em um único espaço, como relata os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Utilizar as diferentes linguagens — verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação. Saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos. Questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de

análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação. (BRASIL, 1997, p. 5).

Através desta constatação, ao trabalharmos com alunos do 9º ano sobre a origem da cidade de Parobé e as relações de casamento entre as primeiras família de imigrantes que para cá se destinaram, o tradicional uso do dote e o uso do casamento como alianças, percebemos nos alunos a curiosidade e interesse em conhecer mais sobre este assunto.

Assim, proporcionamos um diálogo em que se tratou sobre o assunto “liberdade”, qual o seu significado e o que representa nos dias da atualidade. Comparamos as observações e comentários realizados pelos alunos, com a maneira de viver destes antepassados, que viviam em um tempo distante em com maneiras de viver diferente das nossas. Em alguns momentos, os alunos demonstravam a desaprovação e questionamentos sobre esta maneira de vida, em que os mais jovens simplesmente obedeciam às ordens que recebiam dos mais velhos, principalmente as do pai, responsável por conduzir a família e tomar as decisões mais importantes.

Responderam que os pais de hoje deixam os filhos fazerem o que querem por isso muitas meninas engravidam com 14 – 15 anos, e os meninos andam pelas ruas começam a usar drogas com 12 - 13 anos. Percebemos que os alunos em sua maioria defendem a liberdade mais concordam que nos dias de hoje essa liberdade é um tanto quanto exagerada. Com esses questionamento e reflexões nos professores estamos atuando como mediadores do conhecimento, estimulando-os a refletir, problematizar seus saberes. Conforme Oliveira,

Essas premissas teóricas permitem compreender que a aula de teatro é uma forma de inserir uma Atividade Social real na prática escolar, por meio da qual, o brincar de ser ator contribui para formação do aluno. O objetivo é estabelecer ações pelas quais os aprendizes possam se desenvolver dentro de um determinado grupo social de maneira responsável, para legitimar os seus direitos dentro desse contexto e estabelecer relações entre o individual e o coletivo, aprendendo a ouvir, a acolher e a ordenar opiniões e respeitando as diferentes manifestações, com a finalidade de organizar a expressão de um grupo. A aula de teatro, portanto, pode ser um estímulo à criatividade e a assimilação do papel social no que diz respeito ao espírito de coletividade e cidadania. Por meio dessa Atividade Social, pode-se compreender o teatro como fundamento da experiência de vida (ideias, conhecimento e sentimento). (OLIVEIRA, 2011, p. 40)

Portanto teatralizar as aulas de história significa não apenas levar os alunos a uma encenação, mais fazer com que esse desenvolva a oralidade, a expressão corporal, desenvolver e aprimorar seu vocabulário.

Através de uma peça de teatro é possível trabalhar com todos os alunos até mesmo os mais tímidos, esses por sinal veem nessa ação a oportunidade de expor suas opiniões e

sentimentos, pois se sentem protegidos atrás de um personagem e assim seguros de si, e com essa segurança o aluno demonstra todo seu potencial sem barreiras, sem timidez.

Trabalhar com teatro em sala de aula é fugir das metodologias tradicionais, é se aventura na história através da expressão corporal. Conforme o PCN

Dramatizar não é somente uma realização de necessidade individual na interação simbólica com a realidade, proporcionando condições para um crescimento pessoal, mas uma atividade coletiva em que a expressão individual é acolhida. Ao participar de atividades teatrais o indivíduo tem a oportunidade de se desenvolver dentro de um determinado grupo social de maneira responsável, legitimando os seus direitos dentro desse contexto, estabelecendo relações entre o individual e o coletivo, aprendendo a ouvir, a acolher e a ordenar opiniões, respeitando as manifestações, com a finalidade de organizar a expressão de um grupo. (BRASIL, 1997, p. 83).

É papel do professor elaborar práticas significativas, as quais visam a construção conhecimento de forma significativa.

Atividade teatral vinculada à educação, oportuniza-se aos alunos um conhecimento múltiplo, existindo um sentimento por parte dos alunos de certa liberdade onde esse aluno consegue expor todas as suas potencialidades, de forma que consegue expor suas emoções e sentimentos, resultando num bom relacionamento em grupo.

A princípio, quando propomos uma atividade diferenciada aos alunos é vista como desagradável e por vezes, impossível de ser realizada. As conversas e acordos foram importantes, tanto que os alunos compreenderam a verdadeira intenção de nosso objetivo por trás deste teatro, a que eles aprendessem de maneira lúdica, diferenciada e construtiva os assuntos que estavam sendo tratados em aula.

A atividade teatral “casamento antigo” teve como objetivo desenvolver o trabalho em grupo com os alunos, de maneira que eles compreendessem questões de valores que eram bem diferentes dos dias hoje, os casamentos arranjados, uma sociedade patriarcal onde era o pai quem escolhia com quem a filha iria se casar, e muitos desses casamentos eram arranjados muitas vezes o pai entregava a mão de sua filha em troca de pagamento de uma dívida, a própria questão do dote, e as relações familiares do século XIX e meados do século XX, visando com isso uma maior compreensão do período histórico estudado por parte dos alunos.

Com isso, organizamos uma apresentação de teatro, onde um roteiro foi entregue para os alunos. Neste roteiro, adaptado do livro “A CAROLINA”, de Machado de Assis encenava-se um casamento aos moldes antigos, onde o amor não apresentava nenhuma importância, a casamento era arranjado e a noiva não tinha muitas opções a não ser se casar com o noivo escolhido por sua família.

Cada um dos alunos teve a oportunidade de escolher o papel que gostaria de desempenhar na realização desta encenação. Alguns personagens eram essenciais, mas se fazia necessário a colaboração dos demais alunos em atividades como auxiliares nos bastidores, organização dos cenários, figurino, ajudantes nas falas, entre outros. Cada aluno desempenhou sua função a contento, sendo possível perceber, através dos seus empenhos, que estavam gostando de trabalhar em grupo.

Figura 5 Alunos memorizando falas e fazendo cartazes para auxiliar colegas



Fonte: Acervo do PIBID/História/FACCAT

Durante as filmagens, se apresentavam com maestria, alguns dos alunos que desempenhavam papel de mais destaque, tinham decorado suas falas, o que nos permitiu perceber que haviam estudado anteriormente. Algumas cenas foram gravadas mais de uma vez, pois os alunos não queriam um trabalho de má qualidade, assim, repetiam a interpretação quantas vezes fossem necessárias.

Figura 6 Ensaaiando e gravando



Fonte: Acervo do PIBID/História/FACCAT

Figura 7 Ensaaiando e gravando



Fonte: Acervo do PIBID/História/FACCAT

Pode-se perceber que na atuação que realizavam, estavam presentes algumas questões que abordamos em sala de aula anteriormente, como a seriedade desta cerimônia de

casamento, que era transmitida e percebida pelo rosto sério e sem demonstração alguma de felicidade, principalmente por parte da noiva, que estava se casando pressionada pelo pai. Tanto nas filmagens, como nas fotografias que serviram como fonte de registro, podemos perceber estes detalhes nitidamente, que nos possibilitam afirmar que a representação estava sendo embasada no que aprenderam em sala de aula.

O figurino e cenário organizado para a encenação dos alunos também despertou a atenção dos alunos, pois eram “roupas antigas”^{ix} e representando as décadas de 20 a 40. Esta foi uma maneira de aproximar os alunos ao passado, que para eles muitas vezes é tão distante e incompreendido.

Ao fim das gravações, um pequeno vídeo foi criado e demonstrado aos alunos posteriormente. Criamos um álbum de casamento ao modelo antigo. As fotografias receberam tratamento de envelhecimento (figuras 8 e 9), ficando similar as fotografias originais deste período e também foi disponibilizado aos alunos para analisarem as imagens do trabalho realizado por eles.

Figura 8 “Fotografia de Família”



Fonte: Acervo do PIBID/História/FACCAT

Figura 9 “Trio amoroso” (192)



Fonte: Acervo do PIBID/História/FACCAT

Foi possível perceber nos alunos a satisfação e contentamento de terem participado desta atividade. Contrariando nossa primeira dúvida, a de se eles aceitariam este desafio e se apresentariam um resultado satisfatório.

Tanto para os alunos, como para as professoras, a realização deste teatro foi de extrema importância, pois possibilitou perceber a importância de aspectos como o trabalho em grupo, a ajuda mútua, a interação e empenho de cada um, em busca de um objetivo comum.

A arte é um componente indispensável no currículo escolar, sendo constantemente indicada por estudiosos. “A presença efetiva das artes nos currículos escolares pode significar, além de uma disciplina curricular que contribua para a compreensão do mundo e do sujeito, uma ferramenta que contribua para o sucesso do aprendizado” (NEVES; SANTIAGO, 2009,

p. 26). Sendo o teatro, componente da arte, desempenha a mesma importância na formação do conhecimento.

Através da realização do teatro se pode explorar outras áreas do aluno, que nem sempre são utilizadas.

Entre as artes, o teatro é, por excelência, a que exige a presença da pessoa de forma completa: o corpo, a fala, o raciocínio e a emoção. O teatro tem como fundamento a experiência de vida: ideias, conhecimentos e sentimentos (os aspectos cognitivos e subjetivos). Sua ação consiste na ordenação desses conteúdos individuais e grupais e seu ensino ou exercício se faz através da encenação, da contemplação e da vivência dos jogos teatrais (NEVES; SANTIAGO, 2009, p. 14).

Percebendo a importância do teatro como meio de aprendizagem, buscou-se através desta atividade desenvolver o conhecimento cultural e pessoal dos alunos, a capacidade de improvisar, inventar e imaginar, “estimular as capacidades, competências e as habilidades cognitivas do aluno (NEVES; SANTIAGO, 2009, p. 14). Ao professor fica o papel de inovar, de buscar novas alternativas para utilizar em sala de aula, ou inovar as que já existem, mas com o objetivo de proporcionar aos alunos a possibilidade de aprender de diferentes maneiras, por diversas metodologias, mas aprender sempre.

Conclusão

Ao realizarmos as atividades em sala de aula, com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, percebemos que a maneira como as propostas são apresentadas fazem toda a diferença na sua recepção por parte dos alunos. Quando a proposta da realização de um teatro foi lançada, inicialmente percebemos o receio e alguma contrariedade por parte da grande maioria. Buscamos então uma maneira de demonstrar-lhes que eram plenamente capazes de realizar esta atividade.

As próprias professoras encenaram o texto que havia sido selecionado para eles, mostrando a simplicidade e facilidade de representá-lo. Percebemos então, que esta encenação tornou os alunos mais receptivos e dispostos a realizar a representação. Nossa encenação como professoras também permitiu a aproximação dos alunos para conosco, pois na grande maioria das vezes, exigimos que os alunos realizem atividades, mas sem nunca apresentarmos ou atuarmos como colaboradores nestas atividades, dispostos a “pagar o mico” ao lado deles. Assim, os educandos perceberam que solicitávamos sua participação, mas estávamos também dispostas a participar e colaborar para a realização do teatro proposto a eles.

Os itens selecionados e que seriam utilizados no teatro também foram fundamentais para a realização, pois permitiu aos alunos uma aproximação do período e momento histórico

que estavam vendo no assunto abordado nas aulas teóricas. Tanto as roupas de época, objetos, comportamentos e atitudes utilizados pelas pessoas deste período, vieram a somar no conhecimento que estava sendo adquirido.

Os resultados foram animadores, tanto por parte dos alunos como por parte das professoras. Fotografias e filmagens serviram para registrar as atuações, os erros e cenas engraçadas que ocorreram durante as gravações das cenas. O empenho e dedicação dos foram claramente perceptíveis através do fruto final do trabalho que apresentou resultados plenamente satisfatórios. Assim como o entusiasmo demonstrado por eles quando o clip e o álbum de casamento foram finalizados e apresentados para a turma.

Concluimos que uma aula diferenciada e dinâmica exige mais cuidado, preparação, planejamento e empenho por parte de professor, mas seus resultados e aprendizagens superam em muito as aulas tradicionalistas, que apresentam uma metodologia enfadonha e conteudista. A aprendizagem pode sim ocorrer de maneira prazerosa, divertida e diferenciada tornando o ato de aprender atrativo, desejado e esperado por parte dos alunos. Este é o objetivo principal do Pibid, assim como o nosso objetivo, enquanto professores atuantes em sala de aula.

Referências

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997

BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929 – 1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1991.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 401 - 417

CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 45 – 59

MARTINS, Marcos Lobato. História Regional. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Novos temas na aula de História*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MOSSMANN, Lígia. *Uma fazenda, um sobrado, a estação Parobé: uma história a ser contada!*. Parobé: S/ed. 1999.

NEVES, Libéria Rodrigues; SANTIAGO, Ana Lydia B. *O uso dos jogos teatrais na educação: possibilidades diante do fracasso escolar*. Campinas, SP: Papirus, 2009.

OLIVEIRA, Dionéia Menin da Silva. *A atividade aula de teatro como instrumento na produção de conhecimentos*. Dissertação de mestrado. Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP. 2011. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/pos/lael/lael-inf/dioneia_dissertacao.pdf> Acesso em: 24 out. 2014

PEIXOTO, Angelita Vargas. *Parobé: seu povo, sua história*. Porto Alegre: Posenato Arto & Cultura, 1990.

REINHEIMER, Dalva. PIBID e a experiência de uma história problematizada. In: REINHEIMER, Dalva *et all* (orgs.). *PIBID – FACCAT: Práticas inovadoras na formação de professores e integração escola / IES*. São Leopoldo: Oikos, 2013. p. 14 – 20.

SMANIOTTO, Elaine. Experiências de pesquisa na História Regional: um instrumento na formação do professor de História. In: REINHEIMER, Dalva; NEUMANN, Rosane Marcia (orgs.). *Patrimônio histórico nas comunidades teuto-brasileiras: história, memória e preservação*. São Leopoldo: Oikos, 2014. p. 333 – 341

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 127 - 162

ⁱ Licenciada em História pelas Faculdades Integradas de Taquara.

ⁱⁱ Licenciada em História pelas Faculdades Integradas de Taquara.

ⁱⁱⁱ Licenciada em História pelas Faculdades Integradas de Taquara.

^{iv} Área localizada na Encosta Inferior do Nordeste, no Rio Grande do Sul.

^v O nome do município faz referência ao Sr. João José Pereira “Parobé”, que foi Secretário da Secretaria de Estado dos Negócios das Obras Públicas em 1890 a 06/03/1906; 25/01/1913 a 09/02/1915. Considerado como responsável pela chegada da Viação Férrea do Rio Grande do Sul no território que hoje é o município.

^{vi} PEDRO BLOS SOBRINHO nasceu em Campo Bom, no dia 23 de setembro de 1881, filho de Philipp Blos. Casou-se com Bertha Hoffmeister, que nasceu no dia 24 de agosto e faleceu em 19 de março de 1961. Pedro faleceu em 12 de outubro de 1960, em Parobé, então distrito de Taquara do Mundo Novo. No atestado de óbito firmado pelo Dr. Brenno Oswaldo Ritter, de Taquara, a "causa-mortis" foi miocardite aguda. Pedro e Bertha tiveram 11 filhos: Helmuth Blos, Erna Blos, Opilda Blos, Pedro Roberto Blos, Walesca Blos, Oscar Gustavo Blos, Alvício Blos, Edgar Felipe Blos, Walter Blos, Albano Blos e Silda Blos.

^{vii} Acadêmica do Curso de História das Faculdades Integradas de Taquara – Bolsista do LABHOBS em 2013.

^{viii} Laboratório Hobsbawn de Pesquisas Históricas – Curso de História - FACCAT

^{ix} O material faz parte do acervo do LABHOBS.